

prevenção

INFORMAÇÕES QUALIFICADAS SOBRE SAÚDE E CÂNCER NO
AMBIENTE ESCOLAR FORMAM O CURRÍCULO DA VIDA SAUDÁVEL



Escolas de conscientização



A neuroplasticidade, capacidade do sistema nervoso de absorver, adaptar e gerar respostas a estímulos e experiências, é mais ativa na infância, segundo especialistas. Quanto maior for a possibilidade de viver experiências formativas no período, mais amplo será o repertório cognitivo. Justamente por isso, a escola passa a ser um espaço em que estudantes podem se tornar agentes de sua própria vida, adquirindo, desde cedo, habilidade para tomar melhores decisões no futuro em relação a diversas questões. Entre elas, saúde e câncer.

Para Gerson Lucio Vieira, coordenador do Núcleo de Educação em Câncer (NEC), do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor, em Barretos (SP), ter pouca informação é limitador. “Se possuo vasto conhecimento sobre tabaco, contarei com mais elementos de convencimento para fazer escolhas quando for o adulto que quero ser. Um bom colégio é aquele que fornece variadas oportunidades de vivências. Quanto mais ações são executadas, maior a chance de a criança absorver e se apropriar [do que é transmitido]”, acredita.

DESFECHOS POSITIVOS

Falar em prevenção do câncer do colo do útero e da vacina contra o HPV, por exemplo, vai ao encontro do ambiente escolar, e essa associação foi observada no estudo *Efeitos de uma intervenção educativa no conhecimento sobre HPV e na taxa de vacinação em adolescentes*, publicado este ano no *Cadernos Saúde Coletiva* e conduzido por pesquisadores das universidades federais de Ouro Preto (Ufop) e de Minas Gerais (UFMG).

Em 2018, um grupo de jovens entre 11 e 14 anos, de duas escolas em Ouro Preto, participou de oficinas, adaptadas para cada idade, sobre corpo humano, anatomia, câncer e a importância da imunização. O trabalho mostrou aumento de 64,4% para 82,8% na cobertura da primeira dose da vacina contra o HPV. Também foi observado que os que não tinham tomado a segunda dose completaram o esquema vacinal (à época, o esquema eram duas doses; atualmente, é de apenas uma). A fórmula? Informação. Para avaliar a efetividade da pesquisa, aplicou-se um questionário antes e outro depois da intervenção e foram avaliadas as carteiras de vacinação.

Os pesquisadores também observaram a baixa compreensão de crianças, adolescentes e seus pais

“Um bom colégio é aquele que fornece variadas oportunidades de vivências. Quanto mais ações são executadas, maior a chance de a criança absorver e se apropriar [do que é transmitido]”

GERSON LUCIO VIEIRA, coordenador do Núcleo de Educação em Câncer, do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor

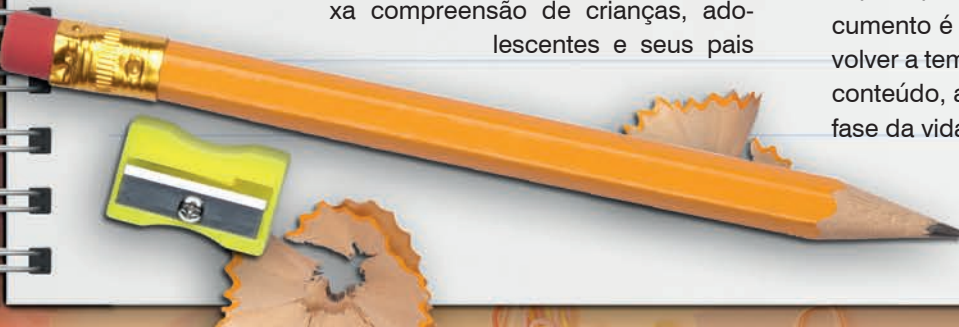
sobre o tema. O cenário fomentava mitos sobre a vacina, e modificá-lo foi a motivação para ir aonde a mudança pode começar: no colégio.

“É essencial a escola estar envolvida, principalmente na vacinação. Nós vemos como [o acesso à informação] aumenta a cobertura vacinal. É difícil alcançar o público adolescente sem o auxílio desse ambiente”, diz a enfermeira Ana Carolina da Silva Santos, pesquisadora da Ufop, uma das autoras do estudo e responsável técnica da Central de Imunização do município de Mariana.

DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA

No Hospital de Amor, o Programa de Educação em Saúde e Câncer nas Escolas (Pesce), iniciativa do NEC, e as Unidades Móveis de Educação reúnem 13 projetos, oito deles realizados em colégios. Prevenção primária (cultura do autocuidado) e secundária (diagnóstico precoce) são o centro das iniciativas, que alcançam 18 municípios.

A educação em saúde está presente na Base Nacional Comum Curricular. Para Gerson Vieira, o documento é um dos aspectos que possibilitam desenvolver a temática em cada faixa etária, já que norteia o conteúdo, as competências e as habilidades de cada fase da vida. E o docente é um aliado valioso.





Experiências interativas do projeto
Missão Gênese abordam até 17 tipos de tumor

“Preparamos projetos para facilitar e motivar os professores a abordarem os assuntos com mais mestria, dinâmica e inovação. Eles são os transformadores da sociedade e multiplicadores da informação. Só dá certo porque eles existem”, afirma.

Um dos projetos que ultrapassaram o limite geográfico e se consolidaram na Rede Estadual de Ensino de São Paulo foi o Concurso de Redação. Desde 2013, em parceria com as secretarias municipal e estadual de Educação e com estudantes do 9.º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, o NEC elege um tema que está em evidência. Os autores dos três melhores textos ganham um estágio de cinco dias no Instituto de Ensino e Pesquisa do hospital. O assunto mais recente foi a vacina contra o HPV. Em 2024, 600 escolas participaram, somando mais de 47 mil redações.

Outra iniciativa é a Missão Gênese: Uma Jornada Nanocientífica, programa de imersão no universo dos fatores de risco, diagnóstico precoce e tratamento de tumores malignos. A unidade móvel de educação, por meio de jogos e experiências interativas, leva informação sobre até 17 tipos de câncer a alunos de 11 a 14 anos de escolas públicas e privadas. Após a experiência, os estudantes elegem o assunto mais interessante sobre prevenção e executam um projeto no colégio ou na comunidade.

“Atividade física e alimentação são os temas que mais encantam, porque fazem parte do que eles estão vivendo. Nosso trabalho vai ter resultado no futuro, pois é um estímulo para que esses jovens se tornem adultos saudáveis e não tenham medo do

câncer. O benefício é salvar vidas”, diz Keneder Marino, supervisor das Unidades Móveis de Educação.

O sucesso da Missão fez com que chegasse à unidade de Rio Branco, no Acre. Agora como Liga de Combate ao Câncer, é voltada para a neoplasia de mama e deve ir a seis escolas até novembro de 2025. O que mais funcionou na Gênese tem mais destaque agora: jogos em realidade virtual, incluindo cadeiras mecânicas e um cenário ainda mais futurista.

O incentivo a hábitos saudáveis também faz parte do projeto Crianças como Parceiras. Direcionada a menores entre 6 e 10 anos, a iniciativa introduz os fatores de risco para

o desenvolvimento do câncer, além de abordar os seguintes assuntos: cuidados paliativos, tabagismo, câncer de mama e suas formas de prevenção e câncer infantojuvenil.

Quem produz conhecimento é igualmente impactado, na opinião de Gerson Vieira, já que os projetos são elaborados por pós-graduandos e pesquisadores, que são estimulados a “sair das bancadas e ir para a comunidade”. “Há incentivo, tanto dos ministérios da Saúde e da Educação quanto do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], para aproximar a ciência da sociedade. Nossa responsabilidade é fazer essa ponte.”

AVANÇOS

Outro município que vem colhendo bons resultados é Jaú (SP). Em 1998, o Programa de Prevenção do Câncer Ginecológico, do Hospital Amaral Carvalho, começou a desenvolver ações educativas na comunidade, incluindo crianças do Ensino Fundamental como disseminadoras de informação para mães e professoras. Em 2011, nasceu o Projeto Futuro sem Câncer, dessa vez com estudantes da pré-escola ao Ensino Médio.

De lá para cá, a mortalidade por câncer do colo do útero diminuiu 40%, e o diagnóstico de casos avançados, 78%. Já a detecção de lesões pré-cancerígenas aumentou 66%. O número de mortes é de uma a duas por 100 mil habitantes, média de países desenvolvidos; em três anos (2004, 2015 e 2021), foi zero. “Temos a menor estimativa de casos novos entre todos os Registros de Câncer de Base Populacio-

“É essencial a escola estar envolvida, principalmente na vacinação. Nós vemos como [o acesso à informação] aumenta a cobertura vacinal. É difícil alcançar o público adolescente sem o auxílio desse ambiente”

ANA CAROLINA DA SILVA SANTOS, pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto

nal do Brasil”, garante a ginecologista Lenira Mauad, coordenadora do programa.

A iniciativa trabalha, a cada três anos, o câncer do colo do útero de forma gradual e contínua, com dinâmicas adaptadas a diferentes faixas etárias: conscientização e convite para as mães (pré-escola); cartilhas para pintar (1º ao 4º ano do Ensino Fundamental); vacinação contra o HPV (5º ao 9º ano do Ensino Fundamental); e educação sexual e prevenção (Ensino Médio). Temas transversais, como alimentação, tabagismo e higiene, também entram.

“É uma espiral do conhecimento. Em uma cidade pequena, isso quebra barreiras. As pessoas têm medo da doença, mas veem que é possível prevenir. Nós esclarecemos muitos mitos, facilitamos a adesão à vacina e incentivamos o rastreamento porque as crianças falam sobre isso em casa”, relata Lenira.

Todas as escolas públicas municipais e estaduais, e algumas particulares, participam. A elaboração do programa é em parceria com as secretarias municipais de Saúde e Educação e a Diretoria de Ensino da cidade. Cerca de 200 professores são capacitados a cada edição.

JOGOS EDUCATIVOS

Em Natal (RN), a Residência Multiprofissional em Atenção Oncológica do Instituto de Ensino, Pesquisa e Inovação da Liga contra o Câncer tem o contexto

escolar inserido na disciplina Atenção Primária e Secundária no Controle do Câncer.

“Percebemos que é preciso formar uma cultura em que as pessoas entendam, desde cedo, que os hábitos de vida transformam, previnem doenças e melhoram a saúde. E como sedimentar isso? Nós vamos aos jovens. Além da compreensão que adquirem, eles são multiplicadores em grupos sociais e familiares”, conta a gerente de Ensino Grayce Castro.

Essa foi a premissa para a criação do projeto Liga contra o Câncer nas Escolas, parceria com a Secretaria Municipal de Educação. A ação, que ocorre no segundo semestre de cada ano e em quatro colégios próximos às unidades da Liga, consiste em jogos educativos para adolescentes do Ensino Médio (dos 14 aos 18 anos). São abordados os tipos mais frequentes da doença e que são preveníveis (colo do útero, mama, pele e cólon), além dos infantojuvenis. “Os cânceres mais frequentes têm fatores de risco modificáveis de acordo com os hábitos de vida. Por isso, sempre pedimos que os professores de Educação Física e de Biologia estejam envolvidos, para que reverberem e sedimentem as informações nas aulas”, explica a gerente.

Um grande tabuleiro é palco da competição entre os times e incentiva a participação dos alunos. Ao final, abre-se espaço para perguntas. Quem indaga mais aumenta a chance de pontuar. Segundo Grayce, ao longo da brincadeira, surgem identificações com os temas, como a preocupação de se tornar fumante passivo por ter pais tabagistas, por exemplo.

“As escolas precisam adotar em seus currículos temas como saúde, prevenção e questões ambientais. Isso muda o mundo. A educação é o que, de fato, transforma vidas. É como conseguimos modelar conceitos ou desmantelá-los”, afirma.

Ações do colégio Amaral de Carvalho instruem alunos sobre o câncer do colo do útero



Divulgação

PROTETOR SOLAR

No interior de Minas Gerais, o município de Corinto é a prova de que, mesmo longe dos centros urbanos, é possível desenvolver atividades de educação relacionadas ao câncer. Lá, a Escola Estadual Alencastro Guimarães criou uma ação sobre câncer de pele a partir do questionamento de um aluno: “Por que preciso me proteger do sol?”

A cidade tem cerca de 25 mil habitantes, e a escola possui 368 alunos. A partir da palestra de uma dermatologista, estudantes do 6.º ao 9.º ano produziram vídeos para divulgar o assunto na comunidade.

“Foi um alerta de como precisamos de informação. Os alunos sabem pouco sobre esses temas, muitas vezes, por dificuldade de acesso. A partir dessa pequena ação, vimos que eles se engajam e envolvem suas famílias. A escola é periférica, mas fazemos nosso papel enquanto educadores, acreditando que também podemos promover hábitos de vida mais saudáveis”, destaca a diretora Ludimila Almeida.

“Descobrimos que muitos jovens não tinham se vacinado contra o HPV por não saberem da existência [do imunizante] ou para que serve. Eles saem das ações também com o compromisso de levar isso aos pais”

GRAYCE CASTRO, gerente de Ensino da Residência Multiprofissional em Atenção Oncológica do Instituto de Ensino, Pesquisa e Inovação da Liga contra o Câncer

SEMENTE

Conhecer texturas, cheiros e formas dos alimentos e estimular os alunos da rede municipal de Niterói (RJ) a refletirem sobre o que comem. É dessa forma

que o Projeto Escolas Saudáveis e Sustentáveis, do Grupo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Alimentação e Saúde Escolar (Gepase), da Universidade Federal Fluminense (UFF), atua para repensar os espaços escolares e fomentar a educação alimentar, nutricional e ambiental.



Jogos educativos da Liga contra o Câncer ampliam o conhecimento dos adolescentes

Hortas agroecológicas e oficinas se desdobram em temas como segurança alimentar, promoção de dieta saudável, resíduos, compostagem e incentivo à agricultura familiar. Tudo de acordo com as diretrizes do Programa Nacional de Alimentação Escolar.

“Eles [os alunos] aprendem que alimentos *in natura* se transformam em resíduos orgânicos para compostagem, enquanto os ultraprocessados viram lixo e se acumulam na natureza. O colégio é uma janela de oportunidades, e a alimentação escolar é uma comunicação direta com o que é ou não saudável”, destaca a coordenadora Patricia Camacho. A experiência já alcançou mais de 3 mil alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, e as hortas passaram a fazer parte de suas casas e comunidades.

EM RODA

Na cidade de São Paulo, a estratégia são as rodas de conversa. A Secretaria Municipal de Educação (SME), por meio do Programa Saúde Escolar (PSE) e em parceria com o Grupo Mulheres do Brasil, iniciou o projeto este ano e estima realizar 408 encontros, com mais de 21 mil estudantes dos 8º e 9º anos da rede.

“A baixa cobertura da vacina contra o HPV, a resistência e a falta de informações foram as principais motivações para abordar o assunto nas escolas. A SME entendeu a necessidade de conversar com os adolescentes de uma forma mais leve e com mais proximidade. A informação é transmitida de forma lúdica e dialógica, para que não sintam medo ou constrangimento”, comenta Fabiana Di Pieri, pedagoga responsável pela Saúde Escolar na Diretoria Regional de Educação Pirituba/Jaraguá.

da existência [do imunizante] ou para que serve. Eles saem das ações também com o compromisso de levar isso aos pais”, relata Grayce.

Ana Carolina da Silva Santos, da Ufop, conta que, mesmo com intervenções educativas em saúde ganhando espaço nas escolas, ainda há resistência e mitos em relação à vacina. Em sua opinião, por ser uma infecção sexualmente transmissível, alguns pais acham que vão incentivar os filhos a iniciarem a atividade sexual. A preparação dos agentes de saúde e a conscientização dos professores foram fundamentais nesse processo – uma forma de sensibilizar também os responsáveis.



Câncer de pele é debatido na Escola Estadual Alencastro Guimarães



Divulgação/CECANE/UFF

Em Niterói, hortas agroecológicas se desdobram em temas como resíduos e compostagem

Incentivar a vacinação contra o HPV é esclarecer o que é a doença e falar sobre autocuidado e saúde do adolescente. Para potencializar esses objetivos, o atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) está incluído nas conversas, já que o PSE tem interlocução com as unidades básicas de saúde.

A escola também é um caminho para chegar a quem não completou o ensino na idade regular. Por isso, as rodas foram aos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos, com alunos acima dos 17 anos. Nesse caso, há duas particularidades: tradução em libras e a presença de imigrantes, em sua maioria haitianos, que enfrentam dificuldades de acesso aos serviços de saúde por conta do idioma.

VENCENDO TABUS

A gerente de Ensino da Liga percebe que o início da vida sexual é um importante motivo de questionamentos. “Descobrimos que muitos jovens não tinham se vacinado contra o HPV por não saberem

“No início, os estudantes tinham resistência, mas, no decorrer das ações, passaram a confiar, a fazer perguntas e a interagir. Eles têm muito interesse e curiosidade. É um assunto que, muitas vezes, não podem conversar em casa”, diz Ana Carolina.

No Hospital Amaral Carvalho, a estratégia é explicar que a vacina não tem relação com o início da vida sexual, mas sim com a resposta imunológica na faixa etária recomendada (dos 9 aos 15 anos). Os professores são orientados a abordar o tema nas reuniões com os pais. “Outro ponto que também desmistifico é em relação ao número de parceiros. Mulheres com menos companheiros não estão livres do HPV, porque ele é muito prevalente. Nós trabalhamos bastante esses pontos para lidar com questões culturais ou de crenças”, conta Lenira Mauad.

Fabiana Di Pieri destaca que as rodas de conversa têm tido reflexo positivo nas famílias, dando base para que os estudantes assumam mais protagonismo em relação à própria saúde e compartilhem decisões com seus pais. “Mudamos a perspectiva, pois estamos partindo deles.” ■